

## História oral e memória na Amazônia: o fenômeno *Chupa-Chupa*<sup>1</sup>

Philippe Sendas de Paula Fernandes<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ

### Resumo

Numa cidade do interior da Amazônia brasileira, o ano de 1977 foi marcado pelo sobrenatural: moradores da Ilha de Colares, município localizado no nordeste do Pará, relatavam que luzes misteriosas vindas do céu estavam atacando pessoas, provocando queimaduras, palidez e paralisia, fenômeno que ficou conhecido como *Chupa-Chupa*. Diante dos acontecimentos, a Força Aérea Brasileira (FAB), num ato inédito, colocou em prática a *Operação Prato* com objetivo de investigar os supostos ataques de extraterrestres na região. Este artigo é resultado do curso *Comunicação, Narratividade e Discurso*, desenvolvido no PPGCOM-UFRJ, e tem a proposta de utilizar a metodologia da história oral de acordo com os objetivos do projeto desenvolvido no mestrado. O projeto busca analisar a construção da memória, por meio da mídia, em torno do fenômeno *Chupa-Chupa*.

**Palavras-chave:** memória; história oral; mídia; Amazônia.

### No Brasil, uma Amazônia de transformações e mistérios

A novidade  
Que tem no Brejo da Cruz  
É a criançada  
Se alimentar de luz  
Alucinados  
Meninos ficando azuis  
E desencarnando  
Lá no Brejo da Cruz  
[...]

(Chico Buarque)

A Brejo da Cruz cantada por Chico Buarque é uma cidade localizada na Paraíba (PB). Na canção, crianças se alimentam de luz. Distante aproximadamente 1.300 quilômetros de Brejo da Cruz, outro pequeno município talvez servisse também de inspiração para uma música, quiçá um filme: a pequena Ilha de Colares (PA),<sup>3</sup> que em 1977 vivenciou um dos momentos mais marcantes de sua história. Moradores relatam que luzes vindas do céu atacavam as pessoas que, conseqüentemente, ficavam paralisadas, pálidas e

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. Bolsista CAPES. E-mail: [psendas7@hotmail.com](mailto:psendas7@hotmail.com).

<sup>3</sup> Criado em 1827 como distrito de Nossa Senhora do Rosário de Colares, foi elevado à categoria de município apenas em 1961, por ato do ex-governador do Pará Aurélio Corrêa do Carmo. Colares localiza-se nas margens da Baía do Marajó, nordeste paraense, a cerca de 100 quilômetros de distância da capital, Belém. Segundo o IBGE (2010), aproximadamente 11 mil pessoas vivem na cidade que tem como base econômica o extrativismo animal e vegetal, destacando-se a pesca.

com queimaduras. Acreditava-se que as luzes sugavam o sangue das vítimas, o que tornou conhecido o fenômeno como *Chupa-Chupa*.

Em 1974, a ditadura militar iniciava o processo de abertura política conduzido pelo general Ernesto Geisel. Na Amazônia, transformada em grande desafio para os militares, a ordem “integrar para não entregar” conduzia as ações do governo na região, sintetizando o Plano de Integração Nacional (PIN) assinado ainda no governo de Emílio Garrastazu Médici. A proposta do PIN era desenvolver e integrar a região amazônica e o Nordeste, o que levou à construção do maior empreendimento rodoviário do país: a Transamazônica, com seus 5.296 quilômetros – nunca concluídos (MORAIS; GONTIJO; CAMPOS, 1970, p. 51). A obra buscava garantir a soberania brasileira nas fronteiras e assentar pelo menos cinco milhões de nordestinos à margem da estrada, em um plano de colonização baseado na agricultura de subsistência. Sant’Anna e Young (2000) destacam que o projeto de colonização era repleto de falhas e a imigração potencializou a exploração dos recursos naturais da Amazônia, já que o corte e a queimada da floresta para a formação de pastagens era o principal meio de sobrevivência. Eles apontam ainda que há uma interdependência entre o desmatamento e os conflitos por terra na região, frequentes até os dias de hoje.

Distante do surto desenvolvimentista que assolou a região amazônica no início da década de 1970, o município de Colares contabilizava o número de vítimas do *Chupa-Chupa* que, mesmo vivendo em localidades relativamente distantes, descreviam similarmente as reações no corpo após o misterioso ataque das luzes do céu, como afirma Cavalcante (2014):

As vítimas das luzes paralisantes e pesadas continuaram sendo afetadas, num crescendo. O segundo caso que foi examinado pela especialista de saúde foi uma moça, da Vila de Genipaúba. No caso, a luz assassina entrou pela janela e a atingiu à altura do pescoço. Os pacientes, dia a dia iam chegando. A jovem profissional já não sabia o que fazer diante do fluxo das vítimas. Procurou resposta em seus livros de medicina e nada encontrou. Voltou-se para o exame minucioso nos pacientes. Usando luvas precárias deteve-se nas queimaduras apresentadas. Examinando-as lembrava-se das produzidas pelas bombas de cobalto. As lesões tinham dois orifícios paralelos parecidos a picadas de agulha. Ao observar com mais cuidado, verificou uma intensa vermelhidão na área atingida, indolor, logo a seguir os pelos começavam a cair e a pele descamava em pouquíssimo tempo. (CAVALCANTE, 2014, p. 29).

Aos 22 anos, a médica Wellaide Cecim Carvalho era a responsável pela unidade de saúde de Colares. “Chuparam meu sangue!”, era uma queixa comum entre as vítimas. Começava então um dos episódios mais instigantes da ufologia brasileira levando a Força Aérea Brasileira (FAB), pela primeira vez na história, a desenvolver um esquema para

investigar os casos hipoteticamente de natureza ufológica que ocorriam na região. A Aeronáutica iniciava a *Operação Prato*.

A Aeronáutica passou mais de 120 dias na região documentando todos os fenômenos, enquanto que filmes rodados eram enviados para Brasília. Lá eram simplesmente arquivados, não se sabendo realmente a que conclusão haviam chegado, permanecendo, para civis e leigos, secretos. Tal situação, é claro, não poderia deixar de ser diferente, principalmente num período de regime de força criado pela ditadura, em 1964, que mantinha uma severa censura, não permitindo que a imprensa ou mesmo civis entrassem em locais considerados importantes para os militares. (ATHAYDE, 2000, p. 162).

Os jornais publicados no final dos anos 70 em Belém repercutiram diversas notícias sobre os ataques do *Chupa-Chupa* em Colares e em outras cidades paraenses. Depara-se com um fato que envolve questões sobrenaturais. Mary Del Priore (2014) defende que, mesmo com a tentativa do homem moderno de separar a fé da existência racional, a busca de uma compreensão mais ampla do mundo e da existência garante a persistência das crenças individuais e coletivas até hoje, ponto que nos faz crer na capacidade que as notícias sobrenaturais têm de chamar a atenção de tantos leitores.

Crenças são capazes de exprimir a humanidade na sua mais profunda e intensa medida. Passados séculos, muitos desses objetos de fé e convicção continuam aí, jovens, oxigenados, vivos. O que se convencionou chamar de sobrenatural, maravilhoso ou fantástico revela, na realidade, atos de fé. Ninguém procura explicá-los. Eles são recebidos como uma mensagem no qual se lê toda a onipotência e as marcas da intervenção de Deus, ou deuses, em nosso mundo. (DEL PRIORE, 2014, p. 15).

Resultado do curso *Comunicação, Narratividade e Discurso*, ministrado pela professora Joelle Rouchou no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), este artigo tem a proposta de utilizar a metodologia de pesquisa da história oral, considerando as etapas fundamentais para a produção de uma nova fonte por meio da entrevista, de acordo com os objetivos do projeto desenvolvido no mestrado. O projeto busca analisar a contribuição da mídia na construção da memória em torno do fenômeno *Chupa-Chupa* e a questão do imaginário fantástico como lugar de comunicação. Dessa forma, três assuntos formam a base da pesquisa: memória, imaginário e comunicação.

## **Mídia e memória: caminho em construção**

Um dos aspectos abordados por Marialva Barbosa (2007), em seu estudo sobre a história da imprensa brasileira no século XX, é a expansão dos leitores dos jornais, devido às inovações tecnológicas que intensificaram a complexidade da produção jornalística, aumentando a tiragem e transformando os antigos jornais em grandes empresas. Várias estratégias editoriais foram desenvolvidas para valorizar a questão visual das folhas, recorrendo a ilustrações e fotografias. Surgiram também os jornais dedicados a relatos pormenorizados de tragédias cotidianas e eventos que fugiam a normalidade, o que é definido como jornalismo de sensações.

[...] Portanto, quando consideramos este tipo de jornalismo como de sensações, não o fazemos apenas porque esses textos apelam às sensações físicas e psíquicas. As sensações a que nos referimos encontram-se na relação da leitura com o extraordinário, com o excepcional, aproximando-se esse tipo de notícia do inominável. São sensações contidas nas representações arquetípicas do melodrama e que continuam subsistindo nos modos narrativos dessas tipologias de notícias. Tal como os gostos e anseios populares – formados na longa duração – também as sensações desse tipo de narrativa mesclam os dramas cotidianos, os melodramas, em estruturas narrativas que apelam ao imaginário que navega entre o sonho e a realidade. (BARBOSA, 2007, p. 216-7).

Debruçamos nessas páginas de sensação para desenvolver a proposta desta pesquisa. Ao estabelecer como principal objetivo um estudo sobre a relação entre mídia e sobrenatural, sob o ponto de vista da construção da memória, é imprescindível que abordemos, entre outros pontos, as discussões teóricas sobre memória.

No caso da memória de um grupo deparamos com a relação com a construção de narrativas. Com esse processo, o enquadramento da memória é realizado. E como, entre os objetos desta pesquisa, estão os jornais, é importante localizá-los como materialidade do passado, que desenvolveram suas narrativas, registraram seus discursos nas páginas impressas e resguardaram os acontecimentos de determinado lugar, em determinado tempo. Como memória e construção de narrativas estão intrinsecamente vinculadas, pode-se estabelecer uma relação entre a construção da memória e a mídia.

Os trabalhos de três teóricos devem nos orientar nesse aspecto. Maurice Halbwachs (2003) destaca a memória como construção social e ressalta a significação simbólica das memórias individuais apenas porque elas seriam pensadas coletivamente. Michel Pollak (1992; 1989) é dedicado a analisar a relação entre memória e identidade e o processo de enquadramento da memória, que reflete em processos de disputa e imposição, muitas vezes voltados aos interesses de determinadas instituições sociais. É importante apontar aqui o

contexto em que está localizado nosso objeto de pesquisa: propomo-nos a refletir sobre a produção jornalística num Brasil ainda sob a ditadura militar, por isso as discussões de Pollak são tão relevantes. É possível ainda que o conceito de “lugares de memória”, desenvolvido pelo historiador Pierre Nora (1993), também seja considerado já que buscamos destacar a prática narrativa midiática, o seu gerenciamento do real e, ainda, a relação do processo de construção de memória como um processo comunicacional. A imprensa assume a função de armazenar e formar a memória social, como destaca Enne (2004):

[...] Vários autores têm procurado demonstrar como os meios de comunicação de massa e, mais especificamente, os jornais, ocupam um lugar privilegiado como formadores e armazenadores da memória social. Neste sentido, os jornais poderiam ser pensados como construtores e/ou legitimadores de *lugares de memória*, no sentido dado por Pierre Nora. Mais precisamente: seriam eles, se não os *lugares de memória* (dadas às interpretações mais restritas do conceito), com certeza espaços privilegiados no arquivamento e produção da memória contemporânea. (ENNE, 2004, p. 20, grifos da autora).

Para o desenvolvimento da nossa proposta geral também vamos recorrer a fontes bibliográficas e documentais, nomeadamente os jornais publicados em Belém no final dos anos 70 e estudos históricos que envolvem a imprensa brasileira. Consideraremos também a proposta de estudo da história da comunicação desenvolvida por Michael Schudson (1993) em que se trabalha a relação dos meios de comunicação com a história cultural, política, econômica ou social de um determinado lugar, refletindo sobre as influências das mudanças sociais na mídia e vice-versa.

### ***Chupa-Chupa: de alucinação a vampiro interplanetário***

O jornal *A Província do Pará* (1876-2001), sediado em Belém, destaca em edição de 19 de novembro de 1977: “‘Vampiro interplanetário’ só gosta de mulher”. O subtítulo complementava: “O relato daqueles que já estiveram face a face com o ‘Vampiro’, popularmente conhecido por ‘Chupa-Chupa’”.

Enquanto os rumores vinham do interior do Estado, de regiões esquecidas pela civilização, [...] por onde essa alucinação se espalhou como rastilho de pólvora, encontrando um meio cultural subdesenvolvido propício para grassar livremente a população da capital, inclusive os próprios órgãos de divulgação se mantinham céticos e jocosos face à luz emitida por “objetos voadores não-identificados” que provocavam efeitos inesperados nas vítimas, por estranha coincidência, em sua grande maioria, mulheres. (Jornal *A Província do Pará*, 19 nov. 1977, p. 14).

Dias antes, em uma pequena nota na sua edição de 5 de novembro de 1977, o jornal registra as primeiras considerações sobre a atuação do Comando Aéreo Regional na região onde ocorria o fenômeno *Chupa-Chupa*. No canto da página, o texto destaca o posicionamento do tenente-coronel Camilo, oficial assistente nas investigações, que é categórico ao afirmar que tudo se tratava apenas de ilusão de ótica, justificando-se pelo “baixo nível intelectual” da população:

[...] “Os moradores confundiram os satélites artificiais existentes na região e os meteoritos que riscam os céus, com naves extraterrenas.

As reações orgânicas que sofrem as pessoas que travam conhecimentos com os seres ditos interplanetários, – comentou – são provenientes de uma reação de temor. Tudo tem por causa os vários comentários prematuros sobre o problema. As pessoas que falam desconhecem qualquer senso de lógica.

[...] Se realmente o problema vir a se tornar realidade, o mesmo será encaminhado ao Ministério da Aeronáutica, para que com a supervisão de 'experts' consiga se chegar a uma resposta objetiva sobre o problema”, concluiu o tenente-coronel Camilo. (Jornal *A Província do Pará*, 5 nov. 1977, p. 11).

O posicionamento do tenente não justifica com clareza as reações sofridas pelas pessoas após o ataque das luzes misteriosas, principalmente os sinais de queimadura e os furos na pele, como sofreu Claudomira Rodrigues da Paixão, morta em meados dos anos 1990, e atacada pelo *Chupa-Chupa* em 18 de outubro de 1977, conforme relatório produzido pela Aeronáutica no período, mas divulgado anos depois.

Nascida em Colares, a lavradora na época tinha 35 anos, alfabetizada, e estava com os filhos na casa de uma prima, já que as famílias da cidade haviam criado o hábito de se reunirem em uma casa para fazer vigília na madrugada com o objetivo de assustar os OVNIS. Às 22 h as luzes da cidade se apagaram e, aproximadamente uma hora depois, no quarto onde dormia, Claudomira sentiu uma luminosidade percorrer seu corpo, como uma lanterna, e se fixando em seu seio esquerdo sugando-o. Em seguida, a luz desceu para sua mão direita, momento que teve a sensação de ser picada por uma agulha. A vítima relata que tentou gritar por socorro, mas teve seu corpo parcialmente paralisado e com um estranho torpor, seguido de dores na cabeça e na mão direita, amortecimento do lado esquerdo do corpo e grande calor localizado no seio. O relatório registrou suas palavras logo depois do ataque: “Eu já estou estragada. O bicho me chupou!”.



- CLAUDIOMIRA RODRIGUES DA PAIXÃO, idade 35 anos, alfabetizada.  
DATA/HORA - 18 OUT 77, às 23:00 horas.

Ouvida pelo Sr Chefe da 2a. Seção; Disse que, estava acordada deitada em uma rede e em sua companhia estava uma senhora e seus filhos; que presentiu uma luminosidade (a luz da cidade havia apagado às 22:00h) que percorreu todo o seu corpo (como uma lanterna) fixando-se no seio esquerdo sugando-o, desceu após para sua mão // direita ocasião em que sentiu como se fosse picada por agulha; gritou por socorro, sem ser atendida, sua voz ficou presa na garganta, seu corpo ficou semi-paralizado; o ambiente ficou totalmente iluminado por luz esverdeada; sentiu estranho torpor, sendo despertada pela voz de sua acompanhante que chamava atenção de uma das crianças dizendo na ocasião : Eu, já estou estragada (sic), o "bicho" me // chupou. Disse ter sentido grande calor localizado no seio esquerdo e dor aguda no dorso da mão direita, dor de cabeça, amortecimento no lado esquerdo do tórax (como se comprimido internamente). Foi atendida pela Dra. Wellaide, que a encaminhou ao IML; ali foi examinada por uma doutora e informada que deveria voltar para fazer novo exame.

Nota - Sobre a incisão (feita no IML) no seio esquerdo, durante o exame a que foi submetida, nota-se uma área circundante ~~luminosa~~ te queimada, bem como um leve e quase imperceptível sinal em sua // mão direita, exatamente nos locais que diz ter sido atingida.

**Figura 1:** Depoimento de Claudomira Rodrigues da Paixão sobre o ataque do *Chupa-Chupa* em relatório do Ministério da Aeronáutica, resultado da Operação Prato em 1977. Disponível em: <<http://www.fenomenum.com.br/ufo/casos/1970/documentos.htm>>.

### Visitando a história oral: desafios e resultados

Luciene da Paixão é filha de Claudomira. Também nascida na cidade da mãe, atualmente vive na capital do Rio de Janeiro. Seguindo o objetivo deste artigo, apesar de a maioria das pessoas que vivenciaram o fenômeno *Chupa-Chupa* estar no Pará, optamos por entrevistar Luciene que, na época, tinha apenas quatro anos, mas garante lembrar com detalhes da noite em que sua mãe foi atacada pelas luzes. É a partir de sua entrevista que buscamos conhecer a singularidade de sua história e, como bem descreve Verena Alberti (2004, p. 14), seguir o impulso de reviver o passado por meio da experiência de nosso interlocutor, “como se pudessemos restabelecer a continuidade com aquilo que já não volta mais”.

Os anos de 1950 do século XX são um marco por terem sido o momento em que surgiu a primeira geração de pesquisadores da história oral nos Estados Unidos. O objetivo era reunir material para os futuros biógrafos e historiadores. No Brasil, o pioneirismo veio da Fundação Getúlio Vargas (FGV) ao criar, em 1975, o programa de história oral para registrar depoimentos de líderes políticos, como destaca Philippe Joutard (1998), que prefere a expressão “fontes orais” a “história oral”. Um dos pontos analisados em seu balanço de 25 anos de produção e metodologia da história oral é a capacidade de um historiador em obter melhores resultados numa entrevista ao levar em conta a sua própria

subjetividade, o que não significa ignorar o senso crítico e deixar de lado o confronto entre as fontes.

[...] É bem verdade que todo historiador lúcido sabe perfeitamente até que ponto ele mesmo se projeta em qualquer pesquisa histórica, fato que o historiador oral percebe ainda mais claramente: a qualidade da entrevista depende também do envolvimento do entrevistador, e este não raro obtém melhores resultados quando leva em conta sua própria subjetividade. Porém reconhecer tal subjetividade não significa abandonar todas as regras e rejeitar uma abordagem científica, isto é, a confrontação das fontes, o trabalho crítico, a adoção de uma perspectiva. Pode-se mesmo dizer, sem paradoxo, que o fato de reconhecer sua subjetividade é a primeira manifestação de espírito crítico. (JOUTARD, 1998, p. 57).

Regina da Paixão é a irmã mais velha de Luciene e, antes da realização da pesquisa de campo, era a pessoa cogitada para ser nossa fonte oral. Entretanto, após um primeiro contato por telefone, deixou claro que não se sentia à vontade em falar sobre essa história porque ficava triste. Diante disso, a entrevista ocorreu com Luciene na noite de domingo, 26 de abril de 2015, em seu apartamento localizado em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Antes do encontro, realizamos uma pesquisa principalmente sobre o que sua mãe sofreu naquele ano de 1977 para, dessa forma, acompanhar o relato.

Alberti (2004, p. 18-9) afirma que numa entrevista de história oral o fascínio está na possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, compreendendo as expressões de sua vivência num exercício de interpretação semelhante ao realizado pelo hermenêuta. Nossa entrevistada, apesar de reconhecer as poucas lembranças da época do *Chupa-Chupa*, já que tinha apenas quatro anos de idade, destaca que foi um fato extremamente marcante na vida de sua família e acredita ser esse o motivo de ela ser capaz de falar sobre suas memórias daquela agitada noite de outubro de 1977.

[...] Eu não lembro de outra coisa. Eu lembro de outras fases, assim, diferentes, mas essa marcou. Não que eu tenha, assim... que eu vá te passar detalhes minuciosos, não! Mas esse foi um fato que, realmente, eu lembro. Se me perguntar alguma coisa, eu sei te falar o quê que eu vivi na época, entendeu? Ou naquela noite, vamos dizer assim. Específico naquela noite! Pronto! Essa é a definição. É uma coisa que ficou na minha mente e que eu lembro até hoje, mas não com detalhes, sabe, minuciosos, não! Mas é uma coisa... é... daquela noite eu lembro perfeitamente (informação verbal)!<sup>4</sup>

Na entrevista, Luciene destacou três importantes momentos sobre os ataques luminosos e as suas consequências: o primeiro foi o que ocorreu com Claudomira; o segundo, a entrevista que a mãe concedeu a um grupo de estrangeiros anos depois; e o

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida por PAIXÃO, Luciene da. **Entrevista**. [26 abr. 2015]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo .mp3 (36 min.).



terceiro, a publicação de um livro que relatava a história do fenômeno. Há sempre uma aura misteriosa ao mencionar qualquer um dos casos. Quando sua mãe foi vítima, por exemplo, nossa entrevistada é categórica ao afirmar que realmente ocorreu algo de natureza sobrenatural, mas se mostra descrente em relação ao depoimento da mãe que descrevia com detalhes quem supostamente teria a atacado, numa representação semelhante ao que faz o cinema sobre extraterrestres.

Ao falar sobre a noite em que sua mãe foi vítima da luz misteriosa, Luciene conta detalhes que se encontram tanto nos documentos que registraram o depoimento de Claudomira à Aeronáutica, quanto nas reportagens divulgadas na época pela imprensa. Segundo ela, a família se encontrava na casa da vizinha Maria Isaete e a mãe dormia num quarto, enquanto as outras crianças dormiam em outro. Claudomira dormia em uma rede bem próxima a uma janela que era coberta por um tecido ou plástico. Pouco tempo depois, a vítima teria sido atingida por uma luz que a deixou paralisada e com marcas pelo corpo. No relato de Luciene, destaca-se o alvoroço que se deu quando as pessoas da casa perceberam que a mãe havia sido atacada.

[...] Então dessa noite eu só lembro dessas coisas, entendeu? O posterior é o quê? A minha mãe realmente com três marcas no seio, três furinhos como se fosse um mosquito, sabe? Só que era uma coisa estranha porque era um ponto do lado do outro, né, no seio dela que a gente não sabe... que ela disse que ela estava dormindo, né, e ela sentiu... ela viu um clarão na janela, assim bem forte uma luz, acho que amarela [trecho não identificado], né, que aquilo paralisou e ela não conseguia falar. Igual quando a gente às vezes tem uns sonhos, assim, que você quer falar uma coisa e não consegue, né? Então eu imagino, hoje, que tenha sido essa a sensação que ela teve, né? Eu não acredito que a minha mãe ia inventar isso de ela ter sido... não acredito que ela ia inventar um negócio desse até porque aconteceu com uma outra pessoa que foi o seu Newton [morador de Colares e outra vítima do *Chupa-Chupa*], né? (informação verbal).<sup>5</sup>

Nossa entrevistada também falou sobre o pouco conhecimento da população local e como histórias fantásticas fazem parte do imaginário das pessoas que vivem, principalmente, em cidades do interior. Se algo sobrenatural ocorreu? Quanto a isso ela não deixa dúvidas. Mas eram extraterrestres? Luciene acredita que, na realidade, Colares no final dos anos 70 serviu de estudo científico, apesar de não apresentar uma explicação detalhada sobre que tipo de experiência seria.

[...] Na época a gente não tinha muito conhecimento, entendeu? Então na época tudo o que falavam pra gente a gente acreditava. A verdade é essa! E em interior é assim. Tudo o que acontece... é o ET de Varginha, é a cobra de não sei quantas

---

<sup>5</sup> Id., 2015, p. 4.

cabeças, é a mulher de branco, não é verdade? Tudo o que acontece no interior as pessoas acreditam! Acreditam! Entendeu? Então, assim, hoje, analisando, eu acho que não era isso, entendeu? Eu acho que hoje... se você me perguntar “o quê que você acha que é o *Chupa-Chupa*?” Vou falar: “Ah, eu acho que não é essa história de extraterrestre não. Eu acho que é mais um estudo científico” (informação verbal).<sup>6</sup>

Nos deparamos com uma forma típica de comportamento, como nos fala Alberti (2004, p. 23), identificada não apenas na Amazônia mas também em muitos outros lugares pelo mundo. Esse exercício de conhecer a experiência individual, possibilitado pela história oral, é um convite a uma viagem a um passado revelador e muitas vezes ignorado. Mesmo com muitas versões sobre o caso, o relato de Luciene confirma como esse fato foi marcante para essa pequena comunidade do interior do Pará que até hoje é marcada pela força da sua oralidade.

[...] As pessoas estavam assustadas com o que tava acontecendo, né, mas será que realmente essa luz é... é... chupava essas pessoas ou seja lá o que for de alguma forma? Eu não sei te dizer, né? Mas foi realmente uma coisa que marcou! Assim... acho que o que mais marcou minha infância... isso foi uma coisa que marcou muito, agora não sei te dizer porque, porque eu era muito nova, entendeu? Normalmente com quatro anos você não lembra de muita coisa a não ser que seja uma coisa marcante como foi, mas sem detalhes também que eu não sei te passar a não ser isso. E te dizer que realmente aconteceu! Isso, eu vou morrer, mas vou dizer que aconteceu porque eu tava lá e eu vi dessa forma que eu estou te passando que aconteceu! (informação verbal).<sup>7</sup>

Alessandro Portelli (2010, p. 19-20) afirma que o entrevistador, durante a pesquisa de campo, além de assumir o papel de coletor de memórias e performances verbais, deve provocá-las, contribuindo para a sua criação. As perguntas e as reações são fundamentais nesse processo. Vale ressaltar neste ponto a dificuldade que encontramos por não estarmos a sós com a nossa entrevistada. Além de algumas intervenções de familiares, Luciene também se encontrava meio indisposta por conta de uma enxaqueca. Diante disso, talvez seja necessário um novo encontro para que possamos retomar essa história e abordarmos outros aspectos que ficaram de fora nesse primeiro momento.

---

<sup>6</sup> Id., 2015, p. 2.

<sup>7</sup> Id., 2015, p. 12.

### Considerações finais

Ouvir o outro é o fundamento de quem se inicia na prática da história oral. Talvez por este artigo ter sido escrito por um jornalista, julguemos que lidar com histórias seja uma prática recorrente. No entanto, é importante saber que entre uma entrevista jornalística e uma entrevista de história oral há diferenças relevantes, tema que renderia nova discussão que não cabe nestas últimas considerações. Lembremos que o objetivo era colocar em prática a metodologia de pesquisa da história oral, levando em conta o projeto de mestrado que busca trabalhar com a construção da memória, principalmente pela mídia, diante do fenômeno *Chupa-Chupa*, ocorrido no final dos anos 70 no estado do Pará. Aqui, mais uma vez, recorro a Alberti (2004) quando destaca que há um trabalho de enquadramento e de manutenção da memória desenvolvido tanto pelo entrevistado quanto pelo entrevistador nas entrevistas de história oral.

Agora, peço licença para deixar um pouco de lado o tom impessoal da escrita acadêmica e falar sobre como o assunto abordado neste trabalho me atravessa. Nasci em Belém, capital do Pará, mas minha família materna é toda de Colares. A história do *Chupa-Chupa* acompanhou minha infância e desde muito tempo povoa minha imaginação, ao lado de personagens mais populares como a Matinta Perera, Boiúna, Mapinguari, Moça do Táxi e tantos outros que qualquer velho(a) sábio(a) da Amazônia, sempre ávido(a) por falar mas com um público ouvinte minguante, é capaz de explicar com detalhes. Entrevistar Luciene da Paixão foi um (re)encontro familiar. Ela é prima de minha mãe e Claudomira da Paixão, uma das vítimas do *Chupa-Chupa*, vem a ser minha tia-avó, de quem não guardo lembranças, já que morreu no início dos anos 90. Eis um desafio na realização deste trabalho, afinal é importante que saibamos definir a distância em relação ao objeto de estudo, o que não significa que devemos esquecer nossas subjetividades, ainda mais quando se fala de história oral.

Deparar-se com reportagens de jornais da década de 70 sobre o fenômeno, o depoimento de Claudomira e o relato de Luciene foi um encontro com diferentes memórias que se cruzam, possuem similaridades e até pouco conflito. A possibilidade que a história oral nos traz de sentir a experiência do nosso entrevistado e adentrar num passado que, mesmo distante, continua vivo é entusiasmante, mas não se deve perder de vista que o desafio não é apenas ouvir o outro, mas, principalmente, saber ouvi-lo.

## Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ATHAYDE, Reginaldo de. **ETs, santos e demônios na Terra do Sol**: repertório de terror e medo no Nordeste brasileiro. São Paulo: Mythos Editora, 2000.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CAVALCANTE, Agildo Monteiro. **Ilha de Colares na Amazônia**: Fenômeno Prato-Voador. Belém: Editora Café, 2014.

DEL PRIORE, Mary. **Do outro lado**: história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

ENNE, Ana Lúcia S. **Discussões sobre a intrínseca relação entre memória, identidade e imprensa**. Trabalho apresentado no 2º Encontro Nacional de História da Mídia, da Rede Alfredo de Carvalho, realizado em 2004, na cidade de Florianópolis (SC). Disponível em: <<http://migre.me/dvJ6l>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 43-62.

MORAIS, Fernando; GONTIJO, Ricardo; CAMPOS, Roberto. **Primeira Aventura na Transamazônica**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC-SP; Programa de Pós-Graduação em História, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

PAIXÃO, Luciene da. **Entrevista**. [26 abr. 2015]. Entrevistador: Phillippe Sendas de Paula Fernandes. Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo .mp3 (36 min.).

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SANT'ANNA, André Albuquerque e YOUNG, Carlos Eduardo Frickmann. **Conflitos no Campo e Desmatamento na Amazônia**: duas faces de uma mesma moeda. In: V Encontro Nacional de Economia Política, 2000, Fortaleza. Anais do V Encontro Nacional de Economia Política. Fortaleza: SEP, 2000.

SCHUDSON, Michael. Enfoques históricos a lós estudios de la comunicación. In: JENSEN, K. B.; JANKOWSKI, N. W. (Eds.). **Metodologias qualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona: Bosch, 1993, p. 211-228.

1º Comar afirma que OVNI na Vigia foi pura ilusão de ótica. **A Província do Pará**, Belém, 5 nov. 1977. 1º caderno, p. 11.

“Vampiro interplanetário” só gosta de mulher. **A Província do Pará**, Belém, 19 nov. 1977. 1º caderno, p. 14.